

* * * * *

AZUL.

ANNO I.

Pela Arte

TOMO I.



Director: Thiago Peixoto.

— Curtyba, 4 de Outubro de 1900 —

Ultimo sorriso

*A*ndava assim, envolta no seu pobre manto desbotado, os pés descalços, vagando atôa pelos caminhos tristes das aldeias, tocando o pandeiro de bohemia, com que ganhava a vida.

N'essas noites de invernia brava, quando a tormenta desanda e redemoinha no ar, e segue como um louco sem lar e sem destino, n'uma gargalhada afflita e prolongada, n'um choro maldicto de blasphemias horriveis; nessas noites em que altas galéras naufragam no mar negro e convulso, ella, pallida e assombrada, com as carnes cortadas fortemente pelo gelo, ia poistar sob as arvores do parque, que o vendaval desgrenhava, que o vendaval retorceia, n'uma furia indomita, n'um pagode epyleptico e infernal.

E ficava muda, inerte e fria, como uma estatua de neve, olhando com pavôr o rapido relampejar que punha sarças de fogo no céo e listrava-o da purpura do inferno.

E gelava-se-lhe o coração, com medo, Jesus! que a madrugada

nunca mais viesse cascadear ondas de crystal e oiro e espumas cor de rosa e prata, que nunca mais viesse banhar d'uma frescura de mocidade, todo o espaço alem e baixar, n'um beijo de luz, sobre a Terra.

Estava agora alli vencida de fadiga immensa, repousando á sombra d'uma palmeira verde e leve, toda festiva de primavéra gazil.

E tinha um assombro da vida — alma rustica e bella, — sentindo apagada no seu coração a alegria que andava entanto cantando debaixo dos céos, na flor da esperança, dentro de outros corações engrinaldados de brancas chimeras.

E via-se morrer, tysica, amortilhada na alvorada da existencia.

Eolveu n'uma amargura infinita os magoados olhos negros, para os céos radiantes e abertos na sua pureza excelsa de oiro sagrado.

E os olhos quasi extintos de luz, doirados ás vezes pelo fogo

Dante Alcântara — Sílvia Gardini

divino d'uma illuzão, eram já como brancas tochas d'um tremulo clarão indecizo, velando, entre flores mortas, o marmore de um sepulcro.

Aquelle céo azul, todo claro de sol, na sua gloria de luz, com que saudade immortal fazia vibrar-lhe na alma — como um um clarim n'uma alvorada — a recordação do céo da terra em que nascerá.

Ah! fôra n'esse Oriente longíquo, phantastico como um sonho, que ella passara os dias mais rutilos de sua mocidade; fôra debaixo desse azul fino de rutilancia, que amára, Senhor! O' doce céo da Palestina! Ficava agora tão longe essa terra tranquilla onde florescem paysagens biblicas e onde a viração espalha entre os crysanthemos e as virgens, as lendas dos idyllios pagãos e das noivas que viveram nos palacios doirados a beira-mar.

E pela imaginação brilhante da tysisca creança, passavam como através d'neurose d'um sonho, todas as recordações de sua mocidade quasi extineta pela morte, monja senil que atrirara sobre os seus dias o resfriado manto que trouxera.

Aquelle christão, tão cavalheiresco e moço, todo loiro como um novo sól, que um dia fizera deixar a tranquilla tenda judaica dos seus paes e levara-a para longes terras ignotas, esse abandonara-a brutalmente, por uma noite de luar calcinado, trocando rozas vermelhas, com outras enamoradas.

E ella ficara só no mundo, tysisca, perdida, repellida pelos homens, sem uma triste mansarda para suavisar-lhe os dias derradeiros que

galopavam no corsel da morte, n'um delírio macabro.

E ficara sem um real para comprar um trapo que cobrisse-lhe as carnes mizeraveis.

Mas de subito um rumor alegre, no meio do caminho, despertou-a dessa saudade.

Um bando, jovial e loiro de creanças approximou-se da bohemia.

Queria vel-a dansar ao som do pandeiro.

E as creanças, n'uma alegria de alvorada, deram-lhe moedas de cobre.

Ah! fôra como um doce brinde do céo, que ella vira cahirem-lhe nas mãos nevadas aquellas moedas todas.

N'aquelle dia teria dinheiro para comprar um pão.

E bailou doidamente, cantou canções jocosas, d'uma hilaridade infinita.

Depois quando o alado bando primaveril desappareceu a rir por entre a esmeralda das arvores, ella que cantando sentia o coração de joelhos a soluçar, chorou convulsamente.

—
Uma manhan, depois d'uma noite tormentosa, em que as creanças mettidas entre cobertas macias e quentes, choravam ouvindo o rouco uivar desesperado da ventania feroz que chicoteava as arvores, repelia o luar e apagava as finas estrellas de prata; uma manhan foram achal-a hirta, com um gelado sorriso nos labios, debaixo d'uma palmeira isolada, de cujas largas folhas víçosas, douradas pelas pri-

meiras florações do dia, cahiam ainda grossos pingos algidos de chuva.

Ao lado jazia o pandeiro com que ella fôra-se arrastando já na agonia, com que esforço supremo e divino! pelas estradas da aldeia a bailar, para ganhar o pão.

Os homens que encontraram-n'a assim, morta e resfriada, sobre o campo deserto e humido, commentavam a vida feliz d'essa bohemia que vendo os seus dias approximarem-se velozes, como nuvens tocada por fortíssimas rajadas, fora a cantar e bailar na peregrinação da morte.

Morta; não tinha quem a pranteasse.

O' muito feliz essa bohemia, diziam.

Só aquelles labios brancos e gelados, de onde outr'ora sahia a tosse cavernosa como uma queixa murmurada contra o mundo ou como

uma marcha funebre de todos os sonhos; só aquelles labios petreficados e mudos pela frieza eterna, pareciam sorrir lividamente, com laivos fortes de sarcasmo, enquanto em derredor comentavam a felicidade descuidosa de ter ella cahido nos braços da cova a sorrir e a bailar, como uma camponeza feliz, coroada de açucenas que fosse para os braços do noivo.

Só aquelles labios contrahidos num sorriso sobrehumano, simbolo de piedade e de ironia, como se debaixo d'elles a alma ainda vibrasse de finas emoções, só aquelles labios funebres pareciam sarcasizar tristemente os que invejaram a rutila felicidade dos seus dias derradeiros, a felicidade estranha de ter ido vibrando o pandeiro e a cantar alegremente pelo caminho frio e aterrador da morte.

1897

Santa Rita Junior.



CHUVA E SOL

A Verçosa Pitanga.

Chove e o trovão que ás vezes pelo espaço
Ribomba n'uma furia exasperada,
Traz-me a lembrança o tetrico fracasso
De uma casa a cahir, desmoronada . . .

Como entendia o lugubre compasso
Da agua a bater nas pedras da calçada!
Cada vez chove mais! . . . Quanto embaraço
Causa esta chuva desapiedada . . .

Elza me espera e a hora se approxima.
Tenho de ir vel-a e emtanto não me anima
A sahir este grande temporal . . .

O que fazer?... Faltar?... Oh! não! que importa
Esta chuva cruel que a alma recorta
Se Ella é o meu Sol, a minha luz astral?...

Adolfo Werneck.

Metempsycose

Mariposa de luz, doudivanas, imponderavel, era essa alminha inconstante que voejava agora, azas ruidosas, em torno da minha existencia, como um sorriso ironico da natureza.

Estrella argentina, mancha alvissima de luz a irradiar n'um céo de luto, céo de agonias e mortes, como que se ia agora pelo meu cerebro de allucinado, avalanche negra do mysterio.

Semen do meo ser, jogado ao pó de existencias mortas, ella viera,—flor de luz, ao crepusculo de Vesper, bater ás persianas funebres do meu lobrego tugurio de pensador austero, solitario alcaçor que levantei no deserto, onde demorava longe da curiosidade importuna e profana dos homens.—Fatalidade! Eram apenas vinte e douz annos.

As rosas orvalhadas da

primavera já haviam murchado de vez, o sol bemdicto da Illusão morria na fimbria escarlarte do poente.

Ah! porem ella viera, simples e jovial, na alleluia festiva de um lyrio immaculado, ás automnaes do Affecto.

E como não amal-o; não ligar á mim esse atomo imperceptivel de uma existencia, atomo do infinito, essencia de minh'alma, pedaço de minh'alma.

Ao partir para outra vida superior, evolução gradativa do aperfeiçoamento, levo apenas a vaga nostalgia desse sonho que fica a florir, sempre e sempre, na imutabilidade das cousas eternas.

Ella, a estrella argentina, mancha alvissima de luz a irradiar n'um céo de luto, céo de agonias e mortes.



Insomnia

A Adolpho Werneck

Enão posso dormir. Por mais que eu queira
As palpebras não cerram-se. E' exquisito !
Entretanto estou morto de canceira.

E não durmo. Do quarto em que eu habito

* * *

Abro a janella. A luminosa esteira
Da Lua, que pelo grande infinito
Erra, é como o rastro da vida inteira
Da Mulher que me fez Poeta e maldicto.

* * *

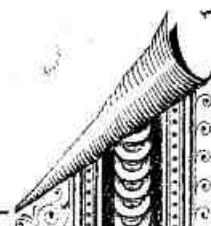
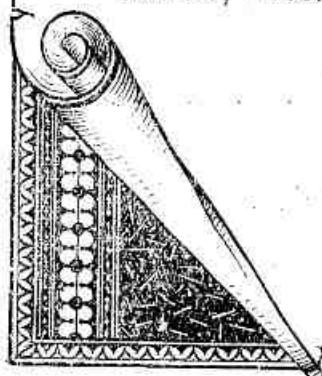
Fecho a janella. Sofro ! Tenho sede.
O meu olhar projecta na parede
Phantasticas visões. Que noite tragica !...

Alma da Terra — Sol ! — enfim resplendes !
Novas scenas no meu olhar accendes !

O Mundo é mesmo uma Lanterna Magica !

Paraná, 1900..

Leite Junior.



UNICA

No flammante jardim dos Sonhos emotivos
 Tantos lyrios bejei, tantas flores sidereas,
 Vagas como o luar de outenos primitives.
 Opalicas visões sonnambulas e ethereas . . .

Dessas flores de luz uma somente existe
 Que em tudo me acompanha e me escuta e me sente,
 Que chora a minha dor se aceso me vê triste
 E que sorri feliz quando me vê contente.

Flor santa, flor divina, alva, cheia de graça,
 Dama e flor, flor e luz - por quem sinto vibrar
 Um doce encantamento entre a dor que perpassa
 Toda est'Alma a tremer na agitação d'un mar !

Por Ella treme a aurora em sandalo embebida
 E o vento passa a rir, em ancias e em harpejos ;
 Treme o meu Ideal como ave mal ferida
 E doira-se de sóes o Azul dos meus Desejos . . .

No mystico fulgor do seu olhar em chamas
 —Olhar que enluta o sol e ao mesmo sol colora—
 Da Alegria descubro as rutilantes flammas
 E o rubente fulgor da primitiva aurora !

Desse Azul onde reina um mysterio de sombra
 Indago em tom de paz e em alarmá de guerra,
 E não descubro a Cór que à anima e que me assombra
 E não descubro a luz que o seu olhar encerra !

Não quer que o meu Luar roreje um brilho triste
 E segue a relutar contra a Negra Corrente . . .
 Quando a Noite Ferai surge de lança em riste,
 Seu olhar, como um sol, enrubece o Poente !

Ao rutilo clarão que o seu olhar scintilla,
 A rir, hei de subir a ribanceira calma
 Da existencia de luz, nessa aurora tranquilla,
 De noivado e de amor que se estrella em minh'Alma !

Generosa Borges.

As Rosas

O meu jardineiro era um homem de feio aspecto, todo coberto de pellos ericados, vermelhaço de pelle e de olhar desconfiado e sombrio.

Toda a gente me dizia :

— Olha que aquelle sujeito compromette a tua casa ! põe-n'o fóra ! ...

Mas, como elle era calado, mettido comsigo, e porque principalmente tratava muito bem das minhas flores, eu levantava os hombros :

— Não era tanto assim ! O pobre homem ! Aquelles modos de animal bravio, não os tinha de certo por culpa sua !

E assim íamos vivendo. Uma tarde, em Setembro, desci ao jardim. Que crepusculo aquelle ! No céo, esgarçado de nuvens, a lua, em foice, brilhava já, e com tamanha doçura, que dava vontade á gente de não fazer outra cousa senão olhar para ella ! Havia tambem no ar, transparente e calmo, tal delicadeza de colorido, que a minha alma ficaria nella extatica, se os olhos, percorrendo tudo, não vissem logo a infinitade de rosas, que as minhas roseiras promettiam.

— Quantos botões, Mãe do céo !

— Tudo isto abre esta noite — resmungou com voz soturna —

jardineiro . . . — Amanhã haverá centenas de rosas no jardim !

A minha fantasia desencadeiou-se. Centenas de rosas frescas, todas abertas, deveriam dar uma graça nova áquelle recanto, pouco acostumado a semelhante fartura de flores.

Eu mesma queria colhel-as ainda frescas de orvalho : mandaria um ramalhete a minha mãe, cobriria de rosas a sepultura de minha filha, encheria de rosas a minha casa . . .

E, usando de uma forma imperativa e severa, pouco commum em mim, disse ao medonho e hirsuto jardineiro que não tocassem nenhuma flor ! Seria eu quem as colhesse todas !

Elle curvou-se, em obediencia.

* *

Nessa noite, fui cedo para a cama, preparando-me para madrugar no dia seguinte. E tal era o meu propósito, que peguei logo um sonno doce e tranquillo.

Eram seis horas e já eu estava no jardim. Como quem desperta de um sonho, apatetada, olhei à roda e só vi folhas . . . folhas e mais folhas verdes ! nem uma flor.

Gritei pelo jardineiro, e elle veio, como por encanto, num momento, mas com tal geito e

tão demudadas feições que tive medo.

Os olhos, de vermelhos, eram só sangue, a barba aspra, longa e ruiva, estava revolvida como por um vento de loucura, e nos grossos braços tisnados tinha sínnaes fundos de unhas . . .

—As minhas rosas ? ! — perguntei-lhe, disfarçando o pavor que a sua figura estranha me infundia.

—Estão aqui ! — disse elle, com voz grossa, como um baixo de orgam de cathedral ; e caminhou para o quarto.

Fui atraç delle, espantadíssima, mal segurando a saia do vestido, que se não molhasse na relva, — cheia de raiva e curiosa ao mesmo tempo.

* *

O quarto do jardineiro era ao fundo, entre a horta e o jardim, ao pé de dous limoeiros da Persia, de gostoso cheiro. Ensombrando a porta, havia uma latada de maracujás, e, à esquina, encostados á parede, estavam os utensílios de jardinagem.

— Que quererá elle ? — perguntava a mim mesma. De repente, estaquei :

— Não entro — respondi, a um gesto que me fazia.

— Então olhe d'ahi ! — replicou o homem bruscamente, escancarando a porta.

Encoste-me ao batente para não cahir. No meio do quarto,

sob uma avalanche de rosas perfumadíssimas, entrevi o corpo de uma mulher.

— Era minha filha, — disse o jardineiro, entre soluços que mais se assemelhavam a uivos que a dor humana ; — um dia abandonou-me, correu por esse mundo... Esta noute, veio bater ao portão, muito chorosa . . . que o amante lhe bateria . . . Ouvio bem, senhora ? ! Quiz fazel-a jurar que desprezaria agora esse bandido, para viver só no meu carinho... só no meu carinho ! . . . Eu havia de tratá-la com todo o mimo, como se fôra uma criancinha . . . Fiz-lhe mil promessas, de joelhos, com lagrimas . . . Sabe o que me respondeu, a tudo ? Que amava ainda o outro.

Cego de raiva, matei-a, ah ! matei-a e não me arrependo . . . Antes morta por um paé honrado do que batida por um cão qualquer . . . depois de morta... achei-a linda, linda ! mas, coitadinha ! vinha miserável, quazi nua . . . tive pena, e, para fazel-a aparecer bem a Nossa Senhora, vesti-a de rosas ! . . .

Julia Lopes de Almeida.

Expediente.

O AZUL será publicado quinzenalmente.

ASSIGNATURA:

2 mil rs. por trimestre.

REDAÇÃO:

Praça da Republica № 4.